Biblioteca Popular de Lisboa

9-5/E

Album dos Vencidos

N.º 3

Editor, Director e Proprietario, Alberto Pereira d'Almeida ❖ Redacção e Administração, R. dos Douradores, 32, 1.º, D., Lisboa ❖ Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27, Lisboa.

Hermenegildo de Brito Capello

Com o ultimo abraço e o ultimo beijo deposto nas mãos d'El-Rei ao abandonar o Paço das Necessidades, para entrar n'um inexperado exilio, termina a vida official d'este alto funcionario, que offenderiamos na sua modestia se lhe chamassemos *«a veneranda reliquia da nossa marinha»*.

Acompanhando-o de socalco em socalco, de escarpa em escarpa, de penedia em penedia, até ao cúme do monte a que elle trepou, como é agradavel contemplar com a vista a encosta até ás profundezas do valle d'onde se elevou!

Mas, dirá o leitor, a que titulo vem aqui o nome do Almirante, se elle não foi preso politico, emigrado, e muito menos perseguido, pelo contrario, geralmente respeitado?

E' que Brito Capello tem sido dos poucos que teem sabido conservar o caracter, caminhando apesar de velho e trôpego no momento do perigo, para junto do seu Rei, prompto a desembainhar a espada para o defender, e á bandeira que empunhára na travessia do continente africano.

Não podia, nem devia esquecer-se a figura d'este honrado ancião, a quem, estando fóra de Lisbôa, não o demoveram, como a tantos outros, as difficuldades de barreiras de tropas e carencia de meios de transporte, de cumprir o que reputou o seu dever: ir para junto do Rei, n'essa má hora, a pé, tendo de dar voltas sobre voltas, até chegar ás Necessidades, com os pés inchados, accusando a caminhada e a difficuldade circulatoria de que soffre.

O ultimo chefe da casa militar d'El-Rei, tem uma aura de justa idolatria gravada na nossa historia colonial como explorador.

Partiu da Sociedade de Geographia de Lisboa a propaganda e a affirmação publica d'uma expedição atravez d'Africa, que o paiz recebeu bem e o governo secundou logo, organisando-a por intermedio do ministro da marinha, o considerado estadista e insigne homem de lettras, Conselheiro Andrade Corvo.

Constituida por Serpa Pinto, Capello e Ivens, tres moços cheios de coragem e estudo, conhecendo pode dizer-se familiarmente a Africa, preparados com um estudo profundo do que ha escripto de melhor e mais positivo sobre viagens de exploração, propunham-se estudar praticamente a solução d'alguns problemas geographicos, que se escondiam á sciencia, no interior do vasto continente da antiga Lybia, de que os portuguezes dos ultimos quatro seculos descobriram e exploraram as eriçadas costas e desbravaram os seios incultos, perigosos e doentios, eternisando ahi o nome e as memorias assombrosas d'este pequeno reino, seguindo a estrada maritima aberta pelos sulcos das naus e galeões dos nossos

antigos navegadores, surgindo no extenso litoral em que elles primeiro que ninguem implantaram a cruz da redempção, lançaram os germens da civilisação christã, estabeleceram o abraço de alliança da Europa com a Africa, começando a obra gloriosa e humana, já hoje tão positiva e opulenta de bens, de converter o preto rude do sertão, o homem fera, no cidadão livre do Portugal moderno, proseguindo pelas emaranhadas florestas, pelos cerrados matagaes, pelos rios e lagos desconhecidos, pelos desertos onde mora o tigre, a hyena, e o negro barbaro, quasi tão feroz como elles, os traços d'outros missionarios do progresso e da sciencia, d'outros exploradores corajosos que em successivas expedições outr'ora revelavam á sua patria as riquezas e singularidades, os mysterios e os productos, a configuração e os habitadores d'esses incultos labirinthos, que a natureza ahi construira na sua edificação millenaria, e que os nossos antepassados foram os primeiros a prescrutar.

A expedição teve a favor das suas patrioticas aspirações todos os elementos propicios: a fé viva da sua missão e a coragem que a robusteceu, o exemplo das audacias homericas, nas tradições que illuminaram o seu caminho; e a sympathia e o affecto de todo um povo que a animava com os votos pelo successo feliz do seu honroso e nacional emprehendimento, arrostando ao mesmo tempo com fomes, sêdes, perigos e doenças, que são o mais seguro cortejo de taes viagens, e o desespero nas campanhas contra o impossivel, nas investidas com a Esphinge impassivel da sciencia para arrancar-lhe a revelação do ignoto!

Eram 5 horas da tarde de 7 de julho de 1877 e fazia 380 annos que da praia do Restello sahiam para a descoberta da India as náus e galeões de Vasco da Gama, quando o vapor *Zaire*, da Empreza Luzitana, levava a bordo os exploradores que iam estudar e tambem vivificar, affirmar e ajudar a robustecer o dominio portuguez nas extensas regiões do patrimonio enorme e opulentissimo que Vasco e seus antecessores e successores para nós descobriram e conquistaram, dando ao seu paiz que se condecora com a primazia historica da civilisação d'aquella parte do mundo, a gloria de acompanhar o movimento geographico moderno.

Novecentos e setenta dias depois e á mesma hora da tarde, fundeava no Tejo quasi em frente do mesmo vapor *Zaire* que os conduzira, e que festejando o seu regresso embandeirava em arco, o vapor *Benguella*, da mesma empreza, trazendo a seu bordo Hermenegildo de Brito Capello, que partira com Serpa Pinto, o qual o precedera no regresso, e Roberto Ivens que então voltava de Angola indo depois reunir-se aos seus dois collegas e amigos.

Ainda nos resôa aos ouvidos o écho das acclamações, dos vivas, das felicitações e dos adeuses que de toda a parte os escoltavam na hora da partida.

Tambem não foi menos solemne nem menos affectuosa a recepção da chegada.

Somente os receios e as saudades transformaram-se nos contentamentos do regresso e na satisfação de vêr que aquelles homens tão modestos e tão corajosos, voltavam salvos dos perigos e dos trabalhos, tendo cumprido honrada e deligentemente a sua importante e perigosa missão, e offerecendo á Patria os dons da sua desinteressada dedicação.

Meia hora antes do *Benguella* amarrar á boia, largavam do arsenal deze-

Almirante Hermenegildo de Brito Capello

nas de escaleres conduzindo representantes do governo e de todas as collectividades existentes em Lisboa, altos funccionarios, e um grande numero de pessoas que desejavam egualmente saudar os exploradores, que enternecidos recebiam estas provas de consideração, devidas ao seu merito e esforço.

Estes dois cavalheiros, o que é vulgar nos exploradores africanos, apresentavam no semblante inequivocos signaes do que padeceram nas inhospitas regiões que percorreram.

Exploraram e estudaram detidamente uma area de mais de 60:000 milhas, colhendo importantes subsidios para a reconstrucção da carta de Angola, atravessando o sertão de Quioco, passando além do Quango na direcção do Chicapa, determinando os caminhos para o Muatayanvo, o sertão de Lobuco e os caminhos de Pesside e Luba, determinando as origens do Quango, do Cassae, do Loando e descendo o primeiro até ao parallelo 7°.

Abriram novos horisontes á geographia e á hydrographia colhendo observações metereologicas e magneticas; a ethnographia e a ethnogenia logrou novos e curiosos subsidios; a mineralogia, a flora, a fauna africana receberam em suas collecções interessantes e desconhecidos exemplares, a nação a honra de não se ficar enervada e dormindo no *dolce far niente* do indifferentismo, muda aos clamores do progresso, estacionaria no movimento scientifico que agita o espirito publico europeu.

* * *

Hermenegildo de Brito Capello é membro d'uma familia que tem um profundo amor pela sciencia. Nasceu a 4 de fevereiro de 1841; fez o curso completo de marinha sendo já aspirante em 28 de setembro de 1855, guarda marinha em 20 de junho de 1861; segundo tenente em 15 de dezembro 1863; promovido a primeiro tenente em 11 de março de 1874; capitão tenente a 27 de julho de 1882; a capitão de fragata em 25 de julho de 1889; a capitão de mar e guerra em 14 de fevereiro de 1895; contra-almirante em 7 de maio de 1902, e a vice-almirante em 18 de junho de 1906.

Ornam-lhe o peito a medalha da expedição de Angola de 1860; duas medalhas de oiro por serviços no ultramar; medalha de prata de bons serviços; Grande Official da Torre e Espada; Gran-Cruz de S. Thiago; Gran-Cruz de merito naval de Hespanha; Commendador de S. Thiago; Gran-Cruz, Grande Official, Commendador, Official de Aviz, e habito de Aviz.

Era socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

O *Album dos Vencidos* presta, pois, homenagem ao maior patriota dos ultimos tempos.

Marquez de Villalobar

Embaixador d'Espanha

Ao deixar Portugal, este insigne diplomata, que tão profundas saudades deixou entre os monarchicos portuguezes, o «Album dos Vencidos» inserindo-lhe o retrato, presta-lhe uma homenagem de admiração e sympathia.

Coronel Pedro Celestino da Costa

Frequentes actos de cobardia, indecisão e falta de caracter durante os tormentosos dias de revolução vieram pôr em relêvo a lealdade e a dedicação com que elementos valorosos, dispostos a luctar, a ir para a frente n'um campo bem definido, cumpriam escrupulosamente os seus deveres, promptos a sacrificar-se pela causa que defendiam.

Actos de coragem e attitudes energicas tendentes a acalmar as ondas de rebeldia, que se estava traduzindo na indisciplina e na desordem que inquinava o espirito das multidões, tentando subverter a propria ordem, foram praticados até perecerem em jorros de sangue.

O quartel d'infanteria 16, foi pois o theatro onde se desenrolou a mais sangrenta tragedia da revolução, e em que se extinguiram duas vidas tão preciosas, a do seu commandante coronel Pedro Celestino da Costa, e do capitão Manuel Joaquim de Barros, que morreram honradamente no seu posto.

Quando uma emboscada de populares assaltou aquelle regimento, bem podiam os dois intrepidos officiaes, como muitos outros, esconder o arcaboiço detraz do peitoril d'uma janella que lhes servisse de couraça, assistir impassiveis aos fremitos de anarchia que alastrava sem barreiras, espreitar o momento d'uma debandada, ou pensando na recompensa d'uma vergonhosa capitulação.

Porem, não succedeu assim para honra dos dois briosos officiaes.

O coronel Celestino da Costa que n'uma dependencia do quartel em que habitava com sua familia, estava lendo tranquillamente um livro, ao sentir proximo da uma hora da madrugada, exclamações, gritos subversivos, seguidos de tiros que partiam da parada, immediatamente veste a sua capa, põe o bonnet, sae inteiramente desarmado, e ouve-se ordenar: — «*Corneta da guarda! toca a formar companhias*»; no meio do borborinho e do tiroteio, ainda grita: — «*Cessem fogo, rapazes, cessem fogo!*» quando depois de dar meia duzia de passos é attingido por uma bála no ventre, matando-o instantaneamente.

E assim terminou a vida um illustre official dos mais respeitados e estimados, que até ao ultimo momento não se afastou do cumprimento da sua perigosa missão, não faltando ao compromisso que tomára sobre a bandeira que jurára defender e ás instituições; pois sabia-se que emquanto fôsse commandante de infanteria 16, o regimento só sahiria para a revolução depois de passar por cima do seu corpo.

Coronel Pedro Celestino da Costa

* * *

O coronel Pedro Celestino da Costa nasceu a 26 de julho de 1852 em Torres Novas; assentou praça n'aquelle mesmo regimento em 13 de setembro de 1870, sendo promovido a alferes em 21 de janeiro de 1873, a tenente em 15 de maio de 1878, ambos estes postos no 16 sendo ajudante do regimento; promovido a capitão em 31 d'outubro de 1884, indo n'esta patente para a Guarda Municipal onde commandou a 2.ª companhia; a major em 11 d'outubro de 1895; a tenente-coronel em 21 de junho de 1900, commandando n'este posto caçadores 2, e a coronel em 14 de julho de 1904 para infanteria 23, vindo depois para a escola pratica d'infanteria, e em agosto de 1908 foi collocado em infanteria 16, regimento que adorava por n'elle ter feito quazi toda a sua carreira militar.

Era condecorado com a commenda e officialato d'Aviz por serviços distinctos, medalha de prata de comportamento exemplar, cruz de 3.ª classe d'Hespanha, a cruz de Alberto de Saxe e a commenda da Corôa de Italia.

Era casado em segundas nupcias com D. Joanna Guião Costa.

Do seu primeiro casamento com D. Maria Luiza Pires Costa teve dois filhos, o Sr. Dr. Augusto Celestino da Costa, lente da Escola Medica, e D. Maria José Celestino da Costa,

Por occasião do fallecimento foram innumeras as pessoas que manifestaram os seus sentimentos, contando-se entre as primeiras, o addido militar da legação de Hespanha, coronel Apparici, em nome da sua legação, que põe todo o seu prestimo á disposição da familia enlutada, e logo em seguida o ministro da mesma nação Sr. Marquez de Villalobar, que apresenta condolencias em nome dos Reis de Hespanha, que bastante se commoveram com a perda de tão frizantes exemplos de dedicação e heroismo.

S. M. El-Rei D. Manuel enviou ao filho do coronel Celestino da Costa uma carta autographa e mandou depositar sobre o seu tumulo uma corôa.

Arthur Vasconcellos Veiga de Faria

Eis-nos chegados agora a um nome, que por sobejamente conhecido em todo o paiz, pelas repetidas e mesquinhas campanhas de descredito que contra elle se urdiram, e que por isso mesmo mais se impoz no conceito e admiração do publico honesto, dispensaria hoje qualquer apresentação, se não fosse vontade nossa gravar aqui com traços immorredoiros as amargas vicissitudes da sorte que experimentou.

E' elle, Arthur Vasconcellos Veiga de Faria, que embora seja muito novo, é o preso politico mais antigo que carceres portuguezes encerram; uma alma muito resignada e soffredora, ao mesmo tempo grande, alentada por uma Fé que n'elle nunca se extingue, Fé que elle venera com abnegado sacrificio — «*se*, como elle diz algures, é *sacrificio soffrer pela patria quando a ella se ha prestado a mais leal das dedicações*».

Acontece muitas vezes dizer-se d'um homem, e escrever-se d'elle longas tiradas, elevando-lhe em narrativas historicas, actos da sua vida que agiram em taes ou quaes epochas, e que reconsideradas não podem negar á posteridade o cunho expresso do heroe. D'esses actos fazem-se grandes poemas e escrevem-se em successivas expansões obras de variados matizes.

Do nosso biographado não podemos fazer-lhe a sua edade historica. Abordando-o um dia, a sua grande acção moral só vagas ideias e essas proprias dos typos fortes nos deixou transparecer, porque Vasconcellos Veiga é uma organisação que se não abre ás primeiras impressões de quem se lhe dirige. Fallando-nos com simplicidade, as suas expressões são de sinceros affectos do coração. E contudo, ouvil-o, é um fio vivo de conhecimentos, é ouvir uma alma onde reside a sinceridade, o verdadeiro interesse pela arte, pelo trabalho e pelas sciencias que n'elle tem um devotado cultor.

Não vamos fazer a historia do nosso biographado; porque, como já dissemos, elle ainda não se nos revellou para esse fim. Tivemos, é certo, o prazer da sua convivencia quando seu companheiro no presidio da Trafaria, e d'ella podemos dar estes dados de observação que consistem em um desapaixonado esboço de biographia editado com o auxilio d'um amigo que o conhece de longa data, e que nos merece a maior das considerações.

Contou-nos de Vasconcellos Veiga differentes cousas que o honram, e que revellam a par d'uma faculdade de trabalho alliada a uma solida intelligencia, uma grande nobreza de caracter.

Como director do *Interesse Nacional* no districto de Braga, propagava

com energia o programma politico do Conselheiro João Franco de que foi sempre um admirador, e dirigia ao mesmo tempo a *Escola Movel Agricola e de Instrucção Profissional,* de que foi o seu unico instituidor. Nos dias santificados ia com o pessoal da escola aos presbyterios das freguezias do districto fazer prelecções agricolas, distribuindo gratuitamente sementes e plantas, ao mesmo tempo que aproveitando a sua estada dissertava em conversação sobre politica onde deixava a semente partidaria.

Este facto trazia preoccupados dois considerados vultos politicos do districto, que lhe moveram uma difamatoria campanha de calumnias que mais veio animar o seu honesto proceder.

Installada a *Escola Agricola,* pouco tempo depois deixava o seu jornal e embarcava para o Brasil.

Tinha iniciado a sua carreira na imprensa com a collaboração em diversos jornaes, e depois como publicista firmando artigos de critica á politica de então, já n'esse tempo desmoralisadora.

Publicou diversos livros, entre os quaes um de versos *Glicinias e Violetas,* em que se revella um lirico apreciado, e algumas peças para theatro.

A' qualidade de escriptor reune a de orador fluente, fallando com suavidade e clareza, movimentando a palavra com pureza de termos e dissertando com elegancia.

Da responsabilidade do seu delicto politico pelo qual foi preso em 8 de março de 1911 a bordo do vapor *Aragon,* fundeado no Tejo, quando do Rio de Janeiro se dirigia a Londres, nada se sabe. O proprio inquerito a tal respeito, apenas conseguiu apurar que Arthur Vasconcellos Veiga de Faria era um conspirador, apesar de o terem accusado «*de chefiar uma quadrilha de malfeitores que se destinava* a assassinar os membros do governo provisorio...!»

A imprensa facciosa accusou-o muito, arrastando-o entre campanhas as mais calumniosas sem que elle se desconcertasse. Defendeu-se habilmente mantendo-se sempre na mais absoluta das reservas, dando occasião a que se salvassem diversos dos seus cumplices.

Mettido n'um quarto do Limoeiro ali o conservaram rigorosamente incommunicavel durante 31 dias, pelo que depois o pronunciaram *provisoriamente! — a mais democratica forma de processo do seculo actual —* ; a 22 de fevereiro do anno seguinte, 11 mezes depois de ser preso, foi definitivamente pronunciado sem admissão de fiança pelo art.º 170.º do Cod. Penal a que corresponde a pena maxima.

Sujeito o seu processo a julgamento, principiaram por o addiar, desde os tribunaes communs ao das Trinas, regressando de novo aos communs, e por fim depois de ter entrado na cadeia da Relação do Porto, duas vezes na Penitenciaria de Coimbra, enviaram-no ao Tribunal marcial de Santa Clara em 6 de dezembro de 1912, que o condemnou em 4 annos de prisão maior cellular seguidos de 8 de degredo, ou na alternativa de 15 annos de degredo em possessão de 1.ª classe, volta de novo á Trafaria, indo d'aqui para a Penitenciaria onde o surprehendeu tristemente a cerimonia dos capuzes. Mas ainda antes de entrar na penitenciaria, teve de comparecer no Tribunal marcial de Santa Thereza em

Arthur Vasconcellos Veiga de Faria

Coimbra, para 2.º julgamento, em 20 de dezembro do mesmo anno, accusado de auctor e distribuidor principal de manifestos sediciosos e artigos revolucionarios de natureza monarchica, bem como mentor d'um *complot*, com séde na cidade do Porto, que com elle foi presente a julgamento.

D'este *complot* faziam parte as senhoras D. Maria da Graça e D. Leonor dos Santos, sendo esta ultima condemnada. Vasconcellos Veiga defendeu-se sem abdicar das suas convicções monarchicas, sendo absolvido por falta de provas.

Espirito de revolucionario nunca deixou de escrever criticando a situação da Republica, como foi o que mais se insurgiu contra a amnistia quando companheiros seus se lembraram de a pedir.

*

* *

Arthur Vasconcellos Veiga de Faria é filho de Thomé de Sousa Arantes Pereira Veiga e de D. Antonia da Silveira Rodrigues Veiga; nasceu em Aveiro a 27 de setembro de 1879.

E' casado com D. Maria da Graça Passos Cunha de Freitas Vasconcellos e Sá, da Casa de Outiz, filha dos fidalgos do mesmo titulo, e aparentada com as melhores familias do districto de Braga.

Conservando-se no Brazil durante a carceragem de seu marido, tem dado n'essas longinquas paragens exemplo d'um sofrimento evangellico e d'um alto patriotismo digno de ser imitado.

E seu marido sempre com animo para supportar as agruras do carcere, não perdeu ainda a sua fé.

No seu livro já annunciado, *Sacrificio ante o Dever*, promette revellar a sua interferencia na conspiração.

Padre Avelino Simões de Figueiredo

Eis ahi um nome bem conhecido em todo o paiz, não só pelo logar de destaque que occupou na politica nos ultimos tempos da monarchia mas ainda pelo muito que tem soffrido depois da implantação da Republica.

O Padre Avelino de Figueiredo é um homem novo, activo, intelligente, que se impõe pela inteireza do seu caracter e pela firmeza das suas convicções monarchicas.

A' causa da monarchia dedicou toda a sua energia de luctador infatigavel e por ella tem soffrido todas as perseguições e todas as amarguras com stoicismo d'um verdadeiro martyr.

Nasceu este illustre sacerdote em Villa Nova de S. Felix, concelho de S. Pedro do Sul, em 11 de outubro de 1876, contando hoje portanto 36 annos.

Tendo concluido em 1899 no Seminario de Vizeu os estudos ecclesiasticos que cursou com distincção, veio a celebrar a primeira missa em 24 de julho d'esse mesmo anno, e em 15 de novembro seguinte era admittido como capellão do *Dispensario D. Amelia* em Lisboa.

Tendo exercido o logar de coadjutor em diversas parochias da capital, era nomeado em 2 de setembro de 1900 capellão-cantor da Sé Patriarchal; em 1 de maio de 1903 era elevado á categoria de mestre de cerimonias e em 11 de março de 1907 era despachado beneficiado da mesma Sé.

Como se vê fez uma carreira rapida e brilhante.

Mas onde sobretudo se fez o seu nome, hoje conhecido em toda a Lisboa e em todo o paiz, foi na politica, onde conquistou pela sua intelligencia e pela sua admiravel actividade um logar de destaque.

Tendo-se filiado no Partido Regenerador-Liberal em 1902, n'uma epocha em que o franquismo ainda não passava d'uma esperança vaga e inconsistente, o Padre Figueiredo mostrava assim não entrar na politica senão arrastado por nobre e desinteressado sentimento de bem servir a sua patria.

Dotado de grandes qualidades de luctador e organisador, em breve ganhou enorme influencia eleitoral no 1.º Bairro, onde sobretudo os republicanos tiveram n'elle, nas pugnas eleitoraes, um adversario terrivel e temido.

Foi elle o fundador do Centro Regenerador-Liberal do 1.º Bairro, que, pode dizer-se, foi o que attingiu maior importancia na obra de propaganda e defeza monarchica em Lisboa.

As sessões d'este centro politico tiveram retumbancia, pelo seu brilhantismo

e pela acção que exerciam no bairro. Quasi todos as respectivas freguezias tinham auctoridades de confiança d'este centro cuja alma era o Padre Figueiredo.

Era tal a sua influencia e o seu poder de suggestão que, não concordando elle com a orientação da celebre Liga Monarchica, levantou ahi incidentes successivos até que lhe deu o golpe de misericordia retirando-se elle com mais de 100 socios.

Proclamada a Republica o Padre Figueiredo manteve-se em prudente espectativa. Mas os republicanos que sabiam quanto elle valia e podia odiavam-no e temiam-no.

A 27 de março de 1911, isto é, cinco mezes apenas depois da queda da monarchia, o Padre Figueiredo foi preso e encerrado no Limoeiro como suspeito de conspirador.

E' então que começa o seu enorme martyrio, victima d'um odio insaciavel por parte dos seus inimigos.

No Limoeiro metteram-no n'uma prisão especial onde são recolhidos os maiores criminosos communs, ladrões, vadios e assassinos da peor especie.

Não contentes com isso exerceram sobre elle toda a casta de vexames, humilhações e maus tratos, levando a crueldade até ao ponto de o encerrarem durante dezeseis dias no *segredo* a pão e agua, sem luz, sem ar, sem cama, sem sequer um banco onde podesse descançar um pouco.

Foi uma brutalidade selvagem. O Padre Figueiredo sahiu de lá com a saude arruinada, quasi morto.

Em novembro de 1911 foi transferido para o presidio da Trafaria, onde permaneceu n'uma cella durante quatro mezes acabando de arruinar a sua já combalida saude.

E no entanto taes eram os seus crimes e as provas dos seus crimes que, contra todos os principios da justiça e do decôro, mantiveram-no encarcerado durante onze mezes sem culpa formada, e só o poderam pronunciar depois de ao cabo d'esse tempo terem forjado testemunhos falsos.

E, apesar de pronunciado ha quasi um anno, a justiça da Republica dispoz-se a marcar o dia do seu julgamento, que se effectuou com a sua condemnação a 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo, ou na alternativa de 20 de degredo em possessão de 1.ª classe, dando entrada na Penitenciaria a 7 de abril de 1913.

E' preciso que os inimigos do Padre Figueiredo saciem bem os seus odios fazendo soffrer ao pobre martyr um supplicio sem fim.

Ao menos o Padre Figueiredo entrará na Historia com a aureola dos fortes de caracter e dos grandes no martyrio.

Padre Avelino Simões de Figueiredo

Dr. Armando Cordeiro Ramos

Já não há hoje ahi ninguem que não conheça o denodado campião da causa da monarchia. O Dr. Cordeiro Ramos, natural de Evora, filho do Dr. Augusto José Ramos, medico e director do Banco Eborense, e de D. Anna Rosa Cordeiro Vinagre Ramos, é o legitimo herdeiro das tradições liberaes de seus avós, Rodrigo Maria Cordeiro Vinagre e José Celestino Cordeiro Vinagre, que tanto se sacrificaram e tanto soffreram pela causa do constitucionalismo.

Homem novo, pois não attingiu ainda os 30 annos, tem sido desde creança um monarchico enthusiasta e um luctador inexcedivel.

Ainda frequentava o lyceu de Evora e já ahi sustentava polemicas e disputas acaloradas com os condiscipulos em defeza da idéa monarchica e sobre tudo do grande estadista sr. conselheiro João Franco, por quem elle tem uma adoração fanatica.

Secretario da redacção d'um semanario academico e presidente da Academia de Evora, bem cêdo começou a affirmar a sua individualidade como jornalista e como politico militante.

Durante a sua permanencia em Coimbra, onde frequentou a faculdade de Direito, em que se formou, foi uns dos principaes elementos da forte organisação politica da academia coimbrã nos ultimos tempos da monarchia. Tendo sido eleito para a commissão organisadora do Centro Monarchico Academico, desenvolveu enorme actividade no desempenho d'essa missão, e ao lado do Dr. Carneiro Pacheco, Dr. F. Vital, Dr. Antonio Duarte Silva, Dr. Orlando Rego e D. Ruy da Camara, hoje exilado, conseguiram crear e dar enorme incremento a essa forte agremiação, que tanta influencia exerceu em Coimbra e tanta retumbancia alcançou em todo o paiz.

Perfeitamente identificado com a sua ideia absorvente — a salvação da Patria pelo robustecimente da ideia monarchica, — o Dr. Cordeiro Ramos, vendo na politica do conselheiro João Franco a melhor garantia de realisação do seu ideal patriotico, filiou-se no Partido Regenerador Liberal que serviu dedicadamente até ao fim.

Redobrou então de actividade, dedicando todas as suas energias ao serviço da sua casa. Fundado o jornal *Patria Nova*, foi Cordeiro Ramos escolhido para redactor principal e ahi n'esse jornal, orgão dos estudantes monarchicos, affirmou mais uma vez as suas extraordinarias faculdades de talento e de trabalho. Cordeiro Ramos era um dos principaes elementos do jornal e da academia monarchica. Foi elle um dos principaes promotores d'essa inolvidavel viagem de mais

Dr. Armando Cordeiro Ramos

de 500 estudantes que a Lisboa vieram trazer uma mensagem a El-Rei D. Manoel; e lá estava no Porto, como representante do seu jornal acompanhando o monarcha na sua viagem pelo norte, fallando, escrevendo, communicando enthusiasmo como na festa dada no Theatro Gil Vicente, no Palacio de Crystal, na sessão solemne que ahi se realisou em honra dos estudantes de Coimbra, onde elle fez magistraes discursos.

Homem d'uma só fé e d'um só parecer, caracter de antes quebrar que torcer, nem se vendeu, nem sequer desanimou quando viu a derrocada de 1 de fevereiro e de 5 de outubro.

Estes desastres não serviram senão para lhe fortalecerem a sua crença revigorando-lhe as convicções.

Depois da tarde tragica do Terreiro do Paço, Cordeiro Ramos, já formado, assumiu em Evora a direcção do jornal diario *Noticias de Evora,* onde affirmou de modo brilhante a rijeza do seu pulso e os primores da sua intelligencia.

N'aquelle trabalho insano de todos os dias, da sua penna sahem artigos fulminantes para os adversarios que o temem e o respeitam. Principalmente no ultimo periodo eleitoral, quando no paiz se travou a ultima batalha, a batalha decisiva entre as forças conservadoras e demagogicas em que por um paradoxo inexplicavel, tendo sido as ultimas vencidas, vieram a transformar-se em vencedoras em 5 de outubro, principalmente n'essa phase da lucta contra a politica de Teixeira de Sousa, o Dr. Cordeiro Ramos conseguiu manter pelo seu jornal o enthusiasmo e a fé das populações alemtejanas pelo triumpho da causa monarchica e dos principios conservadores.

Veio o 5 de outubro, dissolveu-se o partido Regenerador-Liberal, mas a fé do Dr. Cordeiro Ramos nem quebrou nem esmoreceu.

Retirou-se para Estremoz onde abriu banca de advogado, mas escreveu a Alvaro Pinheiro Chagas pondo-se inconcionalmente ao seu dispor para tudo aquillo em que podesse servir a Patria e a Monarchia.

Não sabemos se conspirou a favor da restauração, mas o que sabemos é que tendo sido preso em 11 de julho de 1912, e ao ser interrogado pelas auctoridades da Republica sobre as suas ideias politicas, teve a seguinte resposta que define uma individualidade e um caracter: — *Fui sempre monarchico, e agora, se é possivel, ainda o sou mais!*

Esteve 21 dias incommunicavel n'um calabouço do Quartel de Cavallaria 3 em Estremoz; transferiram-no depois para o Limoeiro entre vaias e chufas da canalha.

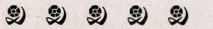
Foi comdemnado em 15 de novembro de 1912 a quatro annos de Penitenciaria seguidos de oito de degredo ou na alternativa a quinze de degredo.

E' um dos que tem mostrado sempre, antes e depois da condemnação entre os insultos da turba e entre as amarguras do carcere, a maior serenidade, a melhor disposição d'espirito, a mais absoluta conformidade com as contrariedades da vida.

Sempre altivo e independente deante dos adversarios, cada vez mais firme na sua inquebrantavel fé em melhores dias para o paiz, o Dr. Cordeiro Ramos é

um d'aquelles com quem se pode contar sempre que seja preciso arriscar a liberdade ou a vida pela honra da Patria.

N'este triste e vergonhoso espectaculo de transigencias aviltantes e de terrores deprimentes que Portugal está offerecendo ao mundo, o exemplo de abnegação, de coragem e de firmeza de caracter que a todos nós dá o Dr. Cordeiro Ramos, deve servir-nos de incentivo para o nobre cumprimento do dever, ao mesmo tempo que encheu de orgulho o nosso coração de patriotas, que n'elle vemos rehabilitadas as gloriosas tradições de brio da velha raça portugueza.



D. Maria Pia

Quando ha annos, ha muitos annos, se realisou na Tapada da Ajuda uma *kermesse* cujo producto era destinado aos pobres, e foi presidida pela então rainha sr.ª D. Maria Pia, entre os versos que por essa occasião se publicaram estavam os seguintes, que por lapso escaparam ao occuparmos-nos da sua biographia, e que agora reproduzimos como homenagem á memoria de quem realmente muito conquistara na estima do povo pela sua suprema elegancia e animo bem-fasejos:

Quando a vê passar altiva,
mas insinuante e singella,
lembrando uma estatua viva,
o artista chama-lhe «Bella».

Quando dos seus dotes raros
a justa fama resôa
cantando os feitos preclaros,
o povo chama-lhe «Bôa».

Porém quando ao lar afflicto
leva o pão, o amor, o bem,
dão-lhe um nome mais bonito:
o pobre chama-lhe «Mãe»!

Christovam Ayres.

Capitão Manuel Joaquim de Barros

Este valente official, que pouco antes do assalto ao quartel se havia encostado sobre a cama, levanta-se immediatamente ao sentir barulho, e vendo a indisciplina que lavrava no regimento, tenta restabelecer a ordem, sendo então alvejado por populares que o fuzilaram, fallecendo passados 20 minutos.

Nasceu em 1860, na freguezia de Agua de Pau, Ilha da Madeira; era filho de José Joaquim de Barros e de D. Francisca Arminda de Barros; contava, pois, 50 annos; era casado com D. Violante Barros Rocha, actualmente residente em Lisboa, cuja triste viuvez sente-se aggravada com soffrimentos physicos. Da bocca d'esta senhora e com ar de satisfação ouvimos contar a maneira fidalga e cavalheiresca como os representantes do reino vizinho, senhores Marquez de Villallobar e coronel Apparici, procederam com ella, tomando conhecimento das necessidades e falta de recursos a que ficava reduzida a viuva, perdido o amparo do marido. A desolada viuva, referindo-se ao coronel Apparici, não se cança de repetir os cuidados paternaes que teve para com ella durante a curta estada de S. Ex.ª em Lisboa.

Sua Magestade Catholica Affonso XIII, por intermedio do seu embaixador, mandou-lhe condolencias e uma dadiva de 1:000 pesetas que ella acceitou commovidamente.

O capitão Barros não teve descendencia. Assentou praça na arma de infanteria em 12 de novembro de 1880, sendo promovido a alferes em 12 de setembro de 1888, a tenente em 1 de agosto de 1895, prestando grandes serviços n'este posto na Africa Oriental, e a capitão em 6 de março de 1902. Era condecorado com o habito de Aviz e medalha de comportamento exemplar.

Capitão Manuel Joaquim de Barros

D. Luiz de Noronha e Tavora

Os reis galardoavam muitas vezes os serviços relevantes prestados á patria por seus subditos, com honras, mercês, privilegios e titulos que os distinguissem e nobilitassem de maneira que os descendentes a quem eram transmittidos não obscurecessem taes nomes e qualidades.

E' por isso que D. Luiz de Noronha e Tavora, pela coragem e desassombro com que manifestava as suas idéas, mantendo-se fiel á tradição, veio finalmente a conhecer com outros companheiros o supplicio da prisão, não desmerecendo em nada o brilho e a fidalguia da sua estirpe avoenga.

Sobre o delicto politico que lhe foi attribuido, accusado de chefe de um *complot* monarchico, nada é preciso accrescentar, visto que atravessou as mesmas vicissitudes do seu companheiro José de Barros, sendo co-réu no mesmo processo, e absolvido depois de 13 mezes de prisão na fortaleza do Alto do Duque, Limoeiro e Relação do Porto.

D. Luiz de Noronha pertence a uma das familias mais illustres e antigas do paiz, que teve o seu inicio em D. Luiz de Lima Brito e Nogueira, Conde dos Arcos de Val-de-Vez, que foi instituido por carta regia de 8 de fevereiro de 1620. A varonia da sua casa é Noronha, a mesma do Marquez de Angeja, que procede de Noronha, senhor do Cadaval, de quem foi irmão mais velho D. Henrique de Noronha, avô do nosso biographado, commendador-mór da Ordem de S. Thiago, terceiro neto dos reis Henrique II de Castella e D. Fernando de Portugal, casado com D. Guiomar de Castro, da casa e condado de Monsanto.

Entre os seus antepassados, que bastantes serviços prestaram á patria, especialmente na India, destaca-se seu 6.º avô, D. Thomaz de Noronha, 3.º Conde dos Arcos, do conselho de Estado d'El-Rei D. Affonso VI.

* * *

D. Luiz Bernardo de Noronha e Tavora, moço fidalgo e escudeiro fidalgo da casa real, nasceu em Nova Goa a 22 de junho de 1874, sendo seus paes D. Lourenço Carlos Bernardo de Noronha, moço e escudeiro fidalgo da casa real, e D. Verediana Lobato de Faria, da familia dos Cunhas e Lorenas, ou seja S. Vicente, que é o mesmo que Tavora. Casou em Lisboa pela 1.ª vêz com D. Maria da Gloria Chrispiniano de Almeida e pela 2.ª com D. Laura Botelho Vessadas,

D. Luiz de Noronha e Tavora

filha unica do juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Visconde de Santo Antonio de Vessadas, e da Viscondessa do mesmo titulo, da casa de Vessadas em Barcellos; d'esse matrimonio tiveram Laura de S. José, D. Luiz Carlos Maria Bernardo e D. Manoel José Lourenço Carlos Bernardo.

D. Luiz de Noronha é um distincto *sportman*, agricultor e industrial. Possue uma quinta modelar em Marco de Canavezes, onde produz um apreciado vinho do Douro. Como industrial, é proprietario d'uma fabrica de chumbo de caça.

Arthur Urbano Duarte

Outro martyr sacrificado á causa monarchica, que a morte veio colher tambem nas pugnas de Chaves, sepultando no somno eterno dos justos, o vigor, as alegrias e os sonhos d'uma ridente mocidade.

A carta que a seguir publicamos por deferencia especial da familia do fallecido, é um documento valioso em que se mostra a maneira correcta e delicada como os emigrados politicos se sabiam conduzir lá fóra, no exilio, alvejados de considerações e sympathias, e ainda principalmente porque desfaz quaesquer duvidas sobre as atrocidades a que foram sujeitos os prisioneiros de Chaves.

Devida á penna d'uma das mais distinctas damas de Tuy, e que damos vertida em portuguez, encontra-se n'ella definida a personalidade de Arthur Urbano Duarte, dispensando-nos por isso de juntar mais pormenores.

Querida amiga:

Desejo que esteja resignada da grande dôr que sente com a perda irreparavel de seu irmão Arthur; eu continuo tambem muito triste, sem me poder esquecer do bom amigo a quem consagrei o carinho de irmão, invocando-o agora nas minhas orações.

Oxalá que o Deus de Misericordia se tenha amerciado d'elle levando a sua alma para o logar que no ceu reserva aos justos, e aos que soffreram com paciencia como o pobre Arthur.

Eu nunca esquecerei o que elle soffreu n'este exilio!

Por um amigo que o viu morrer soube que momentos antes se ser ferido se estava lembrando de mim e de minha familia, dizendo o infeliz, que

Arthur Urbano Duarte

aqui em Tuy não havia passado privações nenhumas devido a ter encontrado uma familia que suppria os carinhos da sua.

Mesmo na hora incerta do combate em que mil pensamentos assaltam o espirito, contou commovidamente algumas coisas que por elle tinhamos feito, pedindo logo um cigarro para distrahir um pouco a imaginação de coisas tristes, pois pensava que ia morrer. Então recommendou que se morresse lhe tirassem 5$000 reis que tinha no bolso e que os mandassem não sei a quem de sua familia, e n'este momento uma bala lhe trespassou a cabeça, deixando-o em tão lastimoso estado que pouco depois morria, lembrando-se da familia; e já no meio da agonia recommendava que ella não se esquecesse do que havia dito antes de partir para o exilio. Algumas palavras mais disse e expirou.

Como a lucta se agravasse com furia encarnicada, ficou o cadaver no campo ao abandono, apoderando-se os inimigos do dinheiro e dos despojos. E graças a Deus em ter poucos momentos de vida; porque se assim não fosse teria de soffrer morte horrorosa, sendo maltratado como foram outros, que os acabaram de matar barbaramente, como succedeu a D. Pedro da Costa Villa-Franca, que tambem eu conheci e me causou grande pena, pois era muito bom e muito estimado. Que Deus o tenha em eterno descanço.

Ao retirar-se a columna dos realistas, D. Pedro, embora com vida, ficou ferido e prostrado no campo, sendo acabado de matar por soldados republicanos, a quem elle pedia em vão que o poupassem, deixando-o em tão lastimoso estado que a familia difficilmente o poude reconhecer.

A triste noticia da morte do infortunado Arthur causou-me um desgosto atroz, chegando a duvidar de tão horrivel desgraça. Não escrevi logo a V. Ex.ª para evitar ser eu a primeira a fazer-lhes tão triste surpresa.

Querida amiga, pense que o bom Arthur, pelas suas virtudes e nossas orações, se acha no Céo que Deus reserva para os bons.

Tuy, 13 de julho de 1912.

Sua verdadeira amiga

Leoncia Paz.

* * *

Arthur Urbano Duarte nasceu em Lisboa a 15 de outubro de 1891 sendo filho de Antonio Maria Duarte e de D. Leonarda Maria Duarte; era empregado do Ministerio do Interior, sahindo para a Galliza em 19 de maio de 1911, vindo a morrer no combate de Chaves a 8 de julho de 1912 com 20 annos e 9 mezes de edade.

Damião Augusto da Cunha

A interessante biographia d'este moço que em Chaves deu provas d'um arrojo extraordinario, constitue uma valiosa documentação historica.

Preso a 29 de setembro de 1911 por se encontrar envolvido nos acontecimentos que se desenrolaram no Porto n'essa occasião, seguiu a bordo do cruzador *Adamastor* para Lisboa, dando entrada a 1 d'outubro no Forte do Alto Duque onde esteve até 3 de março de 1912, dia em que deu baixa ao hospital militar da Estrella, d'onde se evadiu a 4 do mesmo mez, levando em sua companhia um soldado d'infanteria 16 que fazia parte da guarnição do Forte, que áquelle hospital fôra com a incumbencia de o reconduzir sob prisão ao Forte.

Ainda permaneceu em Lisboa por espaço de 9 dias.

Ao fim d'este tempo seguiu com destino a Hespanha onde chegou a 15 do mesmo mez, passando em viagem uns maus bocados cheios de receios e cuidados que sempre apoquentam um fugitivo.

Chegado a Galliza, promptamente se alistou nas hostes realistas, ficando então a pertencer ao pelotão do fallecido tenente Ornellas e Vasconcellos.

No dia 8 de julho deu entrada em Chaves, fazendo parte da guarda avançada da columna que era commandada por este bravo official, sendo ao cabo de algumas horas de fogo, e na occasião em que ao voltar um muro estava com alguns companheiros prestes a entrar em Chaves, alvejado por uma bala inimiga, quando tentava levantar do sólo o seu infeliz tenente.

Immediatamente desmaiou e cahiu, sendo então passados momentos preso e conduzido debaixo de fogo vivo de ambas as partes para dentro da villa, soffrendo os maiores insultos e ameaças da multidão.

Ao chegar em frente do quartel d'infanteria 19, mesmo deante do tenente-coronel Carvalho, um civil, João Pereira Martins, não se condoendo da sua situação de preso, e mais ainda de ferido gravemente por uma bala em combate, levou os seus sentimentos baixos a commetter a infamia, a baixeza de o aggredir covarde e traiçoeiramente com uma coronhada na cabeça, desmaiando logo, e sendo removido em maca para o hospital civil onde esteve em tratamento durante um mez e ás portas da morte.

Chegado aqui, deu pela falta dos seguintes objectos: corrente e relogio de ouro, lunetas com aro de ouro, dinheiro e mais miudezas de somenos valor.

Fôra o ladrão um soldado d'infanteria 19, que por esse motivo respondeu em conselho de guerra depois de apresentada queixa no commando militar.

Foi transferido depois para o hospital militar onde lhe fizeram uma melindrosa operação para a extracção da bala que se fôra alojar entre o pulmão e o coração, o que não conseguiram, embora lhe tivessem feito a ablação da nona costella, parte esquerda.

Depois de larga permanencia ali e no hospital militar do Porto para onde fôra para ser radiographado, sendo por tres vezes submettido aos raios X, restabeleceu-se, embora conserve a bala.

Respondeu no tribunal marcial de Chaves a 12 de novembro sendo condemnado a 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo ou na alternativa de 20 de degredo; mas considerando que era menor, deram-lhe 4 annos de prisão maior cellular seguidos de 8 de degredo na alternativa de 15; mas considerando ainda e attendendo ao parecer da junta medica, a que no meio da audiencia foi submettido, é condemnado a 15 annos de prisão maior sem trabalhos por incapaz d'elles.

E lá está elle cheio de coragem e esperanças cumprindo a pena no quarto de malta n.º 13 da cadeia da Relação do Porto.

*
* *

Damião Augusto da Cunha, solteiro, estudante do 5.º anno do curso dos Lyceus, nasceu na freguezia da Victoria da cidade do Porto a 27 de setembro de 1893, sendo filho de Joaquim Augusto da Cunha e D. Maria da Conceição Guedes da Cunha.

Damião Augusto da Cunha

Antonio Augusto da Cunha

Ao meio dia, hora da visita, alguem vem trazer-nos sob o velabro da angustia, a noticia d'um acontecimento fatal e heroico, que se nos enche de magua o coração perante o cadaver d'um amigo, faz-nos tambem curvar de admiração perante o alto feito que ficará registado quando se escrever a historia imparcial, como um sacrificio sublime...

N'esta epocha utilitaria e egoista, o desprendimento da vida pela porta de uma abnegação sem egual, é já virtude. Porém mais virtude é agora n'este momento e neste paiz em que o mêdo se enfeudou, e a depressão dos caracteres desceu a alguns graus abaixo de zero.

— Isto mostra que ainda ha quem ame e saiba morrer pela patria! diz uma voz compungida aqui ao lado.

— E que em Lisboa se trabalha com afan pela sua resurreição! retruquei eu.

Em verdade, o desastre horroroso da Costa do Castello que deu morte (e a mais tragica e immensamente horrivel de quantas conheço!) ao nosso camarada Antonio Augusto da Cunha, vem patentear que se o luso se afunda no marnel mephitico do entibiamento moral, ainda ha figuras nobres de dedicação e de firmeza varonil, cujos exemplos emergem á flôr e abrem para o ceu as corollas alvissimas exalando rescendencias remocantes e super-viris.

Eu sei, eu sei que muitos conselheiraes accacios, e tantos outros *meninos-de-córo* dos que pr'ahi fungam genealogias estafadas, e hão tido a voraz vermina do movimento restaurador, condemnarão, certo, este processo nihilista de fazer revolta; e levado a cabo o triumpho da nossa Causa, ai! eu já estou a vêl-os alijar e esquecer o martyr humilde que soube morrer no seu posto, incenerado e sepultado de lava ignea, o rosto voltado á morte como a sentinella de Pompeia, sorrindo as explosões vulcanicas do Vesuvio! Elles não vêem que, ao estado anarchico e seivagem a que isto chegou, são precisos todos os meios para soffucar um inimigo que prima em ferocidade, domina pelo terror, e tem requintes orgiacos de Inquisição nos seus attentados. Elles não sabem, ou fingem ignorar — seraphicos patriotas! — que todas as armas servem para o mesmo fim, e que do gladio ao sabre, ou da granada á bomba, a differença é nulla. Armas, armas... são todas más, são todas boas; más na mão do salteador de estrada;

Antonio Augusto da Cunha

santas, tres vezes santas, quando empunhadas por um heroe, porque lá está o Ideal sagrado que as purifica na chamma e a Patria libertada que as abençôa!

. . . . . .

. . . . . .

Cunha morreu no cumprimento d'um dever, em posto heroico, pela restauração da patria. Muitos não entenderão a sublimidade d'este lance intangivel.

. . . Porque a heroicidade não se enquadra em formas concretas: Carlota Corday heroicisa-se pelo punhal, André Chenier pela relumbrancia do verbo feito protesto e revolta: e, de natureza subtil e infinda, deixa o ambito vulgar e sáfaro em que medrou, para se librar e condensar no azul — astro luminoso — á admiração e respeito dos homens.

ASTRIGILDO CHAVES.

* * *

Antonio Augusto da Cunha nasceu a 18 de junho de 1873 na freguezia da Encarnação da cidade de Lisboa e falleceu a 7 de junho de 1912; era filho de José Augusto da Cunha e Maria de Jesus Teixeira; foi commerciante e ultimamente empregado do commercio, desempenhando as funcções de secretario do consulado de Cuba.

Accusado de fazer parte d'um *complot* de restauração do antigo regimen, foi preso e encerrado no Limoeiro e Trafaria durante 11 mezes, até que por julgamento foi absolvido em 4 de maio de 1912.

Assignatura permanente

O Album dos Vencidos

Publica-se em fasciculos de 32 paginas

PAGAMENTO ADEANTADO

Serie de 12 numeros	2$200 réis
» » 6 »	1$200 »
Avulso	200 »

Recebem-se annuncios para esta publicação

Redação e administração: Rua dos Douradores, 32, 1.º, D. — LISBOA

Rev. I